



UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS – CAMPUS III
CURSO DE LETRAS

LÍGIA MARIA DA SILVA FLOR XAVIER

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: PERCEPÇÃO DA FALA
ENTRE GÊNEROS**

GUARABIRA - PB
2016

LÍGIA MARIA DA SILVA FLOR XAVIER

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: PERCEPÇÃO DA FALA ENTRE GÊNEROS

Trabalho apresentado à Coordenação do
Curso de Licenciatura em Letras da
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB
como requisito parcial para a obtenção do
Grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dra. Adriana Sales Barros

GUARABIRA - PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

X32v Xavier, Lígia Maria da Silva Flor
Variação Linguística: [manuscrito] : percepção da fala entre gêneros / Lígia Maria da Silva Flor Xavier. - 2018.
20 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação: Adriana Sales Barros, Departamento de Letras".

1. Sociolinguística Variacionista. 2. Variedade linguística.
3. Gêneros. I. Título.

21. ed. CDD 420

LÍGIA MARIA DA SILVA FLOR XAVIER

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: PERCEPÇÃO DA FALA ENTRE GÊNEROS

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciada em Letras.

Aprovada em: 20/05/2016

BANCA EXAMINADORA

Adriana Sales Barros 760.239-21468

Orientadora: Prof.^a Dra. Adriana Sales Barros
Orientadora

Rosângela Neres A. Silva

Prof.^a Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva
Examinadora

Francineide Fernandes de Melo

Prof.^a Ms. Francineide Fernandes de Melo
Examinadora

SUMÁRIO

RESUMO	5
INTRODUÇÃO	6
1. DIALETOLOGIA E SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	7
2. A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	8
2.1 Primeiros estudos Variacionistas	8
2.2 Regras internas e externas à língua – Conceitos	10
2.3 Variedades linguísticas: variáveis e variantes	11
2.4 Variedades não linguísticas	13
3. ANÁLISE DOS DADOS	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS	20

RESUMO

Este trabalho aborda o fenômeno da variação na comunicação linguística, bem como apresenta o arcabouço teórico que subsidia o trato com a variação na língua através da Sociolinguística Variacionista e seus termos: variável, variante, variedade linguística e variedade não linguística sob a ótica de Barros (2013), Labov (2008) e Mollica; Braga (2013). Também apresenta o resultado da pesquisa realizada com uma turma de estudantes/ adolescentes de gêneros/ sexos diferentes do Ensino Médio e os níveis variacionais encontrados na conversa dos garotos e das garotas.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista; Variedade linguística; Gêneros.

INTRODUÇÃO

Ao observarmos o mundo e as informações que nele há, percebemos uma infinidade de recursos que nos conectam via processo comunicativo. Isso ocorre porque estamos cercados por enunciados veiculados através da linguagem verbal, não verbal ou pela junção de ambas o que torna possível compreender significados diversos e essenciais para a comunicação entre o ser humano.

Comunicar-se é inerente ao homem através de modos variados de interação presentes no meio social ao qual está inserido. Passa, então, pelo processo de aprendizagem dos signos sonoros, gestuais, os que expressam seus desejos e vontades e, posteriormente, os linguísticos. Esses conjuntos caracterizam a sociedade a que pertence a fim de que haja diálogo e compreensão entre eles.

O foco deste trabalho é destacar na comunicação linguística, o fenômeno da variação como objeto desta reflexão. Para tanto, é nossa intenção situar nas práticas de linguagens, as variações diatópicas e diastráticas caracterizadoras de acontecimentos de linguagem e interação na comunicação.

Para isso, nos fundamentamos na Sociolinguística Variacionista, cujo arcabouço teórico subsidia o trato com a variação na língua, com as variáveis, variantes e variedades linguísticas presente nas falas de alunos do ensino médio de uma escola da zona urbana da cidade de Caiçara, interior do Estado da Paraíba.

Como procedimento metodológico, foi realizada a gravação e transcrição da fala (conversa) de 24 alunos do 1º ano do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Profª Maria Gertrudes de Carvalho Neves, localizada a Rua Antenor Navarro, na cidade de Caiçara – Paraíba, divididos em 14(catorze) meninas e 10 (dez) meninos do turno matutino, com faixa - etária entre os 14 e 17 anos de idade, em uma conversa informal de ambos os grupos.

1. DIALETOLOGIA E SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

A língua é uma importante ferramenta para o fenômeno da comunicação entre os homens. Com o uso dela o ser humano pode interagir uns com os outros de forma precisa e organizada. No entanto, para se compreender toda precisão e organização linguística faz-se necessário saber que toda comunidade dispõe de recursos próprios que contribuem para o dinamismo nos processos comunicativos por meio de variadas formas significativas. Mollica; Braga (2013) relaciona essa dinâmica, inerente à todas as línguas, com o fato de ser elas heterogêneas, característica que ganhou destaque nos estudos sobre do uso da língua no meio social.

Esse novo segmento de se investigar a língua em sociedade e suas variações pertence ao campo de duas disciplinas muito próximas, porém distintas: a Dialetoлогия e a Sociolinguística. Sobre cada uma delas Barros (2013, p. 15) conceitua:

A Dialetoлогия é o ramo da ciência linguística que trata do estudo dos dialetos e das fronteiras dialetais, tanto geográficas como sociais. A Sociolinguística, por sua vez, elege como objeto de estudo a variedade linguística, a coexistência das regras variáveis.

Desse modo, em uma ótica dialetológica, não é possível afirmar, por exemplo, que o vocábulo usado por uma equipe profissional de médicos seja o mesmo usado e compreendido por trabalhadores do campo que levam a vida a cuidar da terra e vice-versa. Ou que uma criança que nasce no seio de uma família, cujos membros tiveram a melhor educação escolar terá o mesmo conhecimento linguístico de uma criança, cujos pais nunca entraram em uma sala de aula, ainda que, os dois núcleos familiares sejam falantes da mesma língua. Enquanto que na Sociolinguística o destaque é para as variantes usadas por uma só comunidade com base em um estudo verticalizado.

Para Mollica; Braga (2013, p. 9), a Sociolinguística é “uma das subáreas da Linguística que estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando atenção para um tipo de investigação que correlacionam aspectos linguísticos e sociais”. Desse modo, entende-se esta ciência como aquela que se opõe aos estudos propostos pelo fundador da linguística, o suíço Ferdinand de Saussure

(2002). Este investigou o funcionamento sistemático existente na linguagem verbal, enfatizando o sistema de signos linguísticos observáveis na língua e desconsiderou a fala.

A Sociolinguística resgata o que foi desconsiderado nas pesquisas saussurianas e focaliza o caráter variacionista linguístico presente nos diversos meios sociais, por ser as comunidades de fala o objeto de estudo da Sociolinguística Variacionista, a realização concreta de uso pelos falantes.

2. A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

A Sociolinguística baseia-se no método de pesquisa quantitativo para explicar a heterogeneidade linguística, considerando a importância da linguagem em sociedade através da forma de uso de língua mais espontânea e individual da qual o sujeito faz uso, a comunidade de fala mencionada anteriormente.

2.1. Primeiros estudos Variacionistas.

Exemplos dos primeiros estudos que contribuíram para a pesquisa acerca do modelo variacional de linguagem foram feitos pelo linguista americano William Labov que lançou, em 1963 e em 1964, duas significantes pesquisas que contribuíram para corroborar as variações existentes em duas comunidades dos Estados Unidos.

Na primeira, Labov estudou a realização dos ditongos na ilha de Marthas's Vineyard, Massachusetts e destacou o papel dos fatores sociais, tais como idade, sexo, ocupação, origem étnica na explicação da variação linguística observada nos moradores da ilha, sobretudo para a realização de determinados sons do inglês. Na segunda, o pesquisador descreveu e interpretou o fenômeno linguístico em comunidades urbanas para comprovar a estratificação social do inglês com foco para a realização do /R/ na cidade de Nova Iorque.

Em ambas, pode-se perceber variações na comunicação através da linguagem falada, ou seja, nenhum grupo usou um modelo único de fala que caracterize a comunidade da qual é integrante. "Assim, na Sociolinguística, opta-se

por tratar as realizações linguísticas em comunidades específicas como variedades linguísticas” (BARROS, 2013, p. 15).

No entanto, essas pesquisas não são restritas e podem ter diversos alcances, compreendem desde grupos maiores a grupos menores, a depender dos seus objetivos: a fala de grandes centros urbanos, moradores de ruas, estudantes, crianças ou adolescentes podem ser investigados a fim de que se identifiquem as variantes usadas em cada comunidade.

Além de Labov, muitos outros estudiosos se interessaram em estudar a relação entre linguagem e sociedade. Inclusive, o termo Sociolinguística recebeu destaque nos meados dos anos 60 em um congresso promovido por William Bright onde os trabalhos apresentados por tantos outros pesquisadores buscaram explicar essa relação.

Ou seja, relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura dessa mesma sociedade. A proposta inicial da área era identificar um conjunto de fatores socialmente definidos, com os quais se supõe que a diversidade linguística esteja relacionada.(BARROS, 2013, p. 10).

Porém essa ciência não foi a primeira a se interessar por esta linha de investigação. A Sociolinguística é uma continuidade de uma corrente denominada Antropologia Linguística¹, a qual considerava como fenômenos inseparáveis linguagem, cultura e sociedade.

Em 1962 um novo segmento de pesquisa foi proposto por Dell Hymes a quem o denominou de Etnografia da Fala e posteriormente como Etnografia da Comunicação. Este modelo de investigação buscava a contribuição de várias disciplinas como a Etnologia, a Psicologia e a Linguística na pretensão de descrever e interpretar, como afirma Barros (2013, p. 10), “o comportamento linguístico no contexto cultural”.

Barros (2013, p. 10) ainda acrescenta que “a Etnografia da Comunicação desloca o enfoque tradicional sobre o código linguístico para definir as funções da linguagem a partir da observação da fala e das regras sociais próprias a cada comunidade”.

Desse modo, nota-se que ambos os campos de estudo tratam de questões bastante interessantes à Sociolinguística. Porém, foram os estudos realizados por

¹ Estudos do começo do século XX, de Franz Boas, Edward Sapir, Benjamin L. Whorf.

Labov, em 1963 e 1964 e conhecidos como Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação, que destacaram o papel social na explicação da variação linguística.

Contudo, é importante salientar que o fenômeno da variação linguística apresentado por Labov e interessado a outros estudiosos da relação entre linguagem e sociedade, não ocorre aleatoriamente, de forma caótica, pois seu uso é controlado por um conjunto de regras, internas ou externas à língua, que o lideram.

2.2. Regras internas e externas à língua – Conceitos

Para entender o significado de regras internas e externas à língua vale compreender, primeiramente, os fatores que atuam na variação linguística: os fonomorfo sintáticos, os semânticos, os discursivos, os lexicais e os de natureza mudáveis como qualifica Mollica; Braga (2013).

A presença do artigo antes do nome é um exemplo de regra que obriga o falante a usá-la independentemente de sua condição social, por pertencer a categoria interna da língua, onde encontram-se os fatores de natureza fonomorfo sintáticos, os semânticos, os discursivos e os lexicais. Daí entende-se a razão de todos utilizarem o artigo, por exemplo, antes do substantivo (*a flor*) e nunca o avesso (*flor a*).

Em contrapartida, as condições mudáveis inseridas na categoria externa da língua são as que permitem o uso de regras que “funcionam para favorecer ou desfavorecer, variavelmente e com pesos específicos, o uso de uma ou outra das formas em cada contexto” (MOLLICA; BRAGA, 2013, p. 15).

Um exemplo desta, é que a forma plural do artigo definido feminino aqui destacado pode e é usado por alguns grupos com o substantivo feminino na forma singular, ou seja, dependendo do contexto encontramos *as flor* como um tipo de construção variacional.

Assim, compreende-se que a variação e a mudança são contextualizadas, constituindo o conjunto de parâmetros um complexo estruturado de origens e níveis diversos. Vale dizer, os condicionamentos que concorrem para o emprego de formas variantes são em grande número, agem simultaneamente e emergem de dentro ou de fora dos signos linguísticos. (MOLLICA; BRAGA, 2013, p. 11)

Acerca desses conceitos, é possível pontuar que todo falante, independente dos fatores que o acompanham, sociais ou contextuais inseridos na categoria externa da língua, usa o artigo antes do substantivo e não o substantivo antes do artigo por pertencer a categoria interna da língua comum a todos e imutável, enquanto a categoria externa apresenta “características circunstanciais que ora envolvem o falante, ora o evento da fala” (MOLLICA; BRAGA, 2013, p.11).

2.3 Variedades linguísticas: variáveis e variantes

As variedades linguísticas configuram o cenário universal, pois em toda nação há regiões, grupos ou classes sociais diferentes, constituídos por comunidades de falas distintas. Ou seja, os indivíduos não se relacionam por meio de redes comunicativas idênticas, mas através de um modo de “falar diferente”. Essa diferença é constituída por meio da existência de variantes, que são formas linguísticas alternativas que contribuem com um fenômeno em variação ou grupo de fatores denominado de variável. Esta, por sua vez, é o foco da pesquisa Sociolinguística Variacionista e costuma ser relacionada como variável dependente.

Sobre isso Mollica; Braga (2013, p.11) tece comentário:

Uma variável é concebida como dependente no sentido que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social ou estrutural. Assim, as variáveis independentes ou grupos de fatores podem ser de natureza interna ou externa à língua e podem exercer pressão sobre os usos, aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência.

Como se pode depreender, todo estudo baseado na variação linguística é governado por um conjunto de regras que desencadeiam mais de uma forma de “dizer a mesma coisa”.

A exemplo disso pode-se mencionar como variável linguística a concordância nominal e verbal, a realização do /s/, alternância entre nós e a gente, entre outros disponíveis no português.

Toda essa variação ocorre porque a língua é um elemento vivo e por isso capaz de sofrer mudanças através dos tempos. Essas mudanças podem ocorrer em diferentes níveis: fonológico, morfológico, sintático, semântico e discursivo. Ambos são apresentados a seguir de maneira elementar.

O modo de análise proposto, conforme os princípios da metodologia da Teoria da Variação é o de caráter fonético-fonológico. Nele são examinadas as diferentes realizações dos fonemas em um mesmo contexto linguístico.

Acerca deste nível, Mollica; Braga (2013, p. 74) diz que:

[...] é de se esperar que existam diferentes realizações fonéticas para uma mesma unidade fonológica num mesmo contexto dentro de uma mesma comunidade [...] como parte integrante do sistema, juntamente com estruturas invariantes, e não como uma mera manifestação do uso linguístico, constitui também uma forma de melhor capturar a organização do sistema linguístico internalizado pelos falantes.

Exemplo desta categoria é a alternância entre as consoantes [l] e [r], [b] e [v]. Ambas concorrem entre si em palavras como (*p[l]anta/ p[r]anta, [b]assoura/ [v]assoura*).

A supressão da vibrante nos grupos consonantais (*prop[r]ietário/ propøietário*) pode ser citada, também, como uma amostra de mudança do nível fonológico.

No morfológico, Mollica; Braga (2013, p. 9) afirma que “a presença de marcas de concordância nominal e verbal em geral alterna-se com a possibilidade de ocorrência de enunciados em que tais marcas estão ausentes”.

Acerca da afirmação acima se pode exemplificar o uso do substantivo em não concordância com o número do artigo (*os menino[s]/ os meninoø*), os casos em que o artigo não concorda em número com o nome nem com a forma verbal, (*os meninos cresceram/ os meninoø cresceu*), e ainda o substantivo com o adjetivo (*cinco meninos moreno[s]/ cinco meninos morenoø*).

Construções que têm função dos termos da oração, pertencentes ao nível sintático, interagem com formas semânticas. Isso porque segundo Mollica; Braga (2013, p. 89) “o significado linguístico não se esgota no conteúdo lexical, mas deriva em grande parte dos contextos linguísticos ou situacionais em que a forma ocorre”. Desse modo, formas em que o pronome reto assume a função de objeto direto como em “eu amo *ele*” ou que o pronome-cópia funciona como sujeito, “a Sociolinguística, *ela* é uma ciência muito interessante”, referentes ao nível sintático concorrem e recebem a mesma significação na fala das referentes ao semântico “eu o amo” e “a Sociolinguística é uma ciência muito interessante”.

Na categoria discursiva, embora se compreenda inicialmente termo discurso como aquele em que se emprega a linguagem articulada, Mollica (2013, p. 101) orienta:

[...] não devemos subestimar as dificuldades inerentes a tal abordagem. Se é inegável que o discurso possui uma estrutura, marcas e características que autorizam a identificação de produções discursivas concretas, perceptíveis pelo sentido, é igualmente verdade que a liberdade, a flexibilidade, a negociação de esquemas e estruturas do nível discursivo são mais amplas.

Ou seja, examinar os critérios discursivos não é tarefa fácil, embora o produto seja o ato comunicativo, “certas regras linguísticas depende do status informacional dos itens lexicais nelas envolvidos” (MOLLICA; BRAGA, 2013, p. 102).

Um exemplo sólido desse plano é a posição dos termos oracionais dentro do discurso, como se pode notar na oração, a qual o objeto direto ocupa o lugar à esquerda do sujeito (*assistir a estreia do filme amanhã a gente vai*).

Ainda em Mollica; Braga (2013), no nível discursivo há alguns fenômenos relacionados à coesão textual, em que algum elemento do discurso é dependente da de outro. A alternância entre as formas *nós* e *a gente* é um exemplo (*Nós estamos com um problema a resolver, então a gente se encontra amanhã para resolvê-lo*).

Assim, claro os conceitos de variável e variante, torna-se imprescindível apresentar os eixos de variações linguísticas existentes. São eles: Variação Diatópica ou Geográfica e Variação Diastrática ou Social.

Na primeira, o foco é para as diferenças linguísticas observáveis nos limites físico-geográficos entre falantes de regiões diferentes. Enquanto a segunda volta-se para os fatores coerentes com a identidade e organização sociocultural dos falantes: idade, sexo/ gênero, escolaridade, profissão e classe social.

Porém há casos de variantes estáveis no sistema, as quais podem permanecer durante um período curto ou longo do tempo ou quando uma das formas desaparece configurando o que Mollica; Braga (2013) chama de “fenômeno de mudança em progresso”.

2.4 Variedades não linguísticas

As variedades não linguísticas são aquelas de menor valor perante a sociedade, pois, por fazer parte da categoria externa da língua, fogem aos padrões

normativos da gramática, tornando-se assim formas estigmatizadas. Elas concorrem com as variedades linguísticas de diferentes comunidades de fala no processo de configuração do perfil sociolinguístico de cada grupo e por isso Mollica; Braga (2013, p. 27) afirma que “operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes”.

Há muitos agentes que contribuem e muitas vezes influenciam para o uso linguístico de um falante, sejam eles para favorecer ou desfavorecer determinadas formas ou variantes. Nível socioeconômico alto e origem social, escolarização, meios de comunicação de massa tendem a favorecer o emprego das formas de prestígio.

No entanto, algumas formas estereotipadas estão muito presentes, mesmo naqueles que se apropriaram das variantes de maior valor, pois a realidade é muito mais complexa.

Forma como a concordância nominal, por exemplo, ajusta-se com maior facilidade a norma padrão e por isso pode ser encontrada corriqueiramente no uso linguístico de grupos socialmente marcados por esse tipo de linguagem, a exemplo os meios de comunicação de massa. Enquanto outras, como o pronome desambiguador *dele* é substituído pela variante mais popular *seu* para indicar o possuidor na terceira pessoa - (o professor examinou o trabalho *dele*/ o professor examinou *seu* trabalho) - ocorre tanto em grupos sociais de linguagem estigmatizadas quanto nos de linguagem mais padronizada.

Nesse sentido, vale frisar que todas as formas linguísticas são autênticas e previsíveis, ainda que se julguem o valor que uma ou outra tem, todas estão sujeitas a avaliação e estigmatização, sobretudo as de menor valor linguístico por não atender a prescrição registrada nas gramáticas normativas da língua portuguesa. Essas, na ótica de Mollica; Braga (2013, p. 13) “constituem temas de interesse aos sociolinguistas”.

3. ANÁLISE DOS DADOS

Após abordagem sobre a variação linguística, apresentaremos os resultados obtidos nesta pesquisa, o que foi percebido na fala de adolescentes de gêneros/sexos diferentes.

Na medida em que interage em sociedade, o ser humano percebe que há diferenças na fala entre homens e mulheres, sobretudo, no timbre de voz. É fácil reconhecer e distinguir as especificidades da voz masculina e da voz feminina. Mollica; Braga (2013, p. 33) diz: “Homens possuem voz mais grave e mais baixa; mulheres possuem voz mais aguda e uma oitava mais alta que a voz masculina.” No entanto, não é do interesse da Sociolinguística investigar a fisiologia da voz dos gêneros/ sexo em questão e sim os fenômenos variáveis na língua correlacionados a eles.

A análise da dimensão social da variação e da mudança linguística não pode ignorar, no entanto, que a maior ou menor ocorrência de certas variantes, principalmente daquelas que envolvem o binômio forma padrão/ forma não padrão e o processo de implementação de mudanças estejam associados ao gênero sexo do falante e à forma de construção social dos papéis feminino e masculino. (MOLLICA; BRAGA, 2013, p. 33).

Neste ponto de vista, examinar a linguagem não é tarefa fácil, sobretudo porque ela só se manifesta nos seres humanos, que é a espécie caracterizada pela individualidade, embora estejam e necessitem também da coletividade por pertencer a alguma categoria social.

Cada indivíduo possui traços que lhes são próprios, mas que se encaixam perfeitamente no processo comunicativo com outros diferentes ao seu, porque como já foi apresentado aqui o uso da língua não é caótico e sim organizado por um conjunto de regras.

Nesta perspectiva foi observada a fala de parte de uma turma de 24 alunos do 1º ano médio, entre 14 (catorze) e 17 (dezessete) anos de idade, divididos em 14 (catorze) meninas e 10 (dez) meninos. Vale frisar que, nesta pesquisa apenas 8 (oito) dos adolescentes e 8 (oito) das adolescentes que compõem a sala participaram da gravação de uma conversa livre entre eles.

A princípio, os estudantes foram divididos em dois grupos para que a gravação do diálogo fosse analisada melhor. Como a divisão das equipes foi feita por eles mesmo, em uma permaneceram apenas meninos e na outro, meninas, com exceção de um garoto que participou desta.

Abraçando a perspectiva variacionista, são apresentados os resultados da variação usada em cada grupo a partir dos prováveis níveis identificados na conversação deles. Aqui, são apartados os de maior uso por eles, o fonológico e o morfológico.

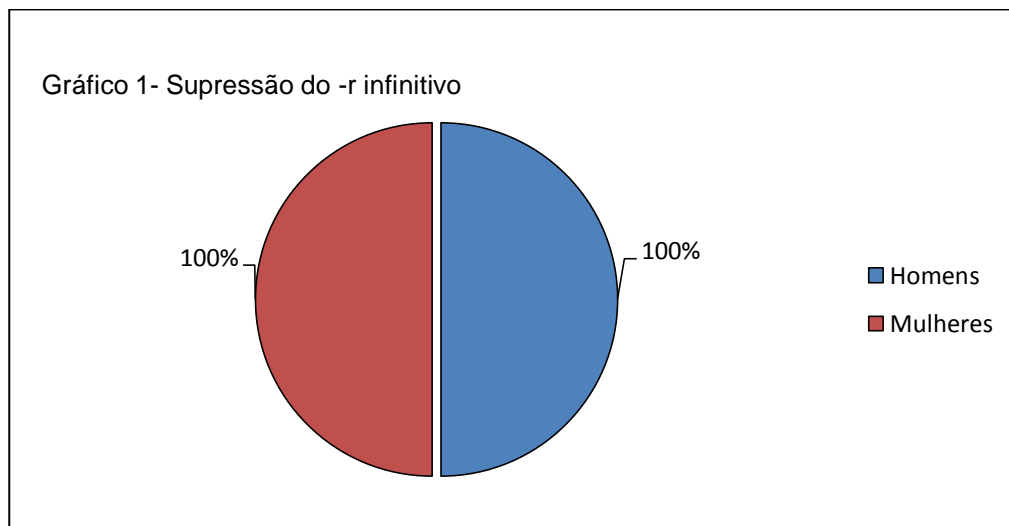
Com relação ao fonológico pode-se identificar a supressão do – r como marca do infinitivo e a mudança da marca número pessoal do verbo, sobretudo a da terceira pessoa do singular, por uma notação lexical no bate-papo de ambos os gêneros/ sexos como mostra a transcrição de alguns trechos de cada equipe e os gráficos que os seguem.

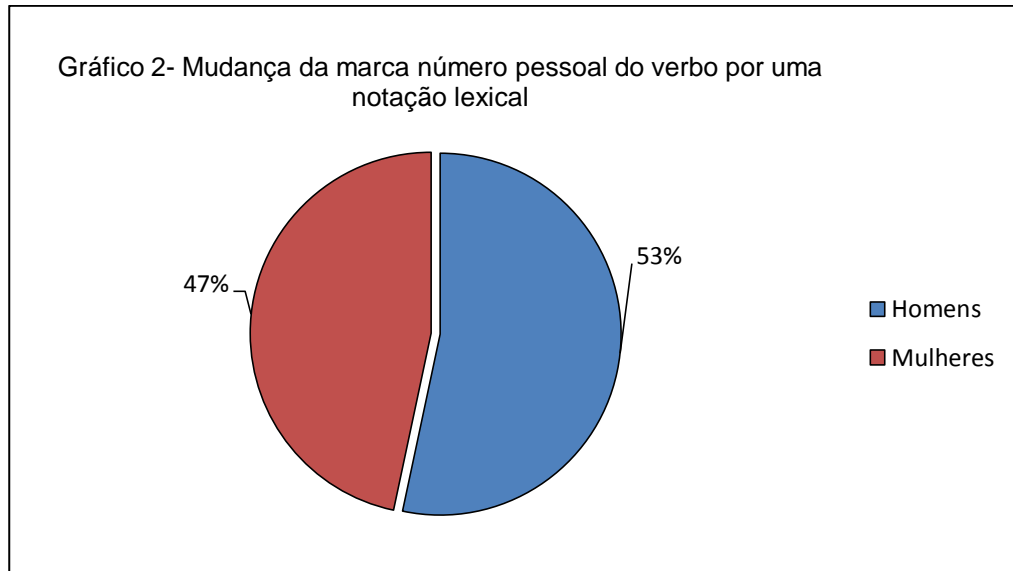
Trechos das conversas masculinas:

- O bichu era pra *tê* ganhado, homi... *pedeu!*
- É *puque* demora demais, boy.
- Ele pensa que é o monstro que *cagô*.
- Gabriel *brincô*... apesar que é do Atlético.
- *Passá* aonde? Já *passô* doido, já *passô*.

Trechos das conversas femininas:

- Foi. Di Laurent *cantou* tão bem! Eu gostei tanto daquele *otro!*
- Lulu Santos vai *chorá*.
- Tá, num tem nada a *vê!*

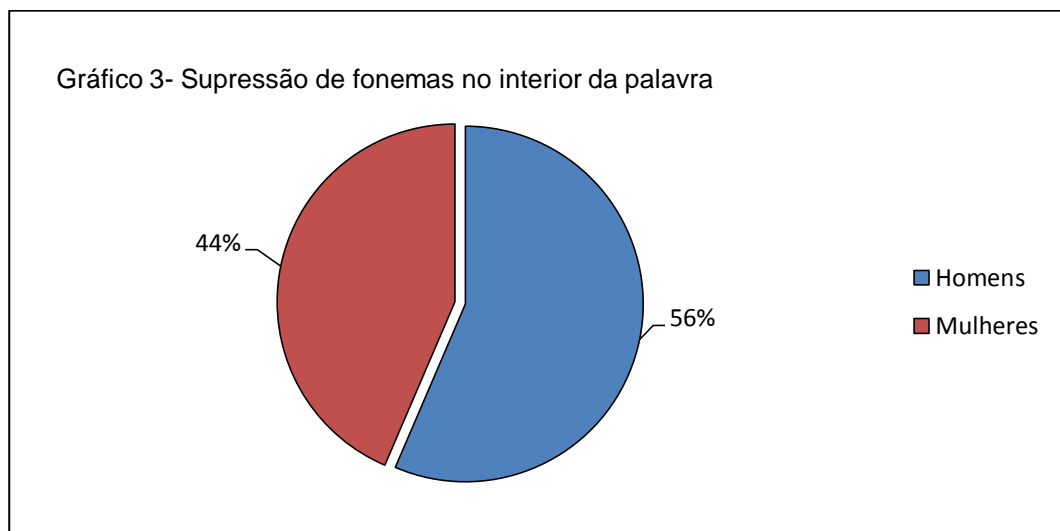




O estudo apresenta que nas duas equipes o desaparecimento do – r como marca do infinitivo é unânime, ou seja, tanto meninos quanto meninas utilizam na mesma proporção essa variação no ato da fala, como se pode no gráfico 1.

Em contrapartida a alteração da marca número pessoal do verbo (terceira pessoa do singular) por uma notação lexical, representada no gráfico 2, está menos presente no grupo feminino.

Além destas, outra observação pertinente aos exemplos apresentados é a supressão de outros fonemas que na linguagem padrão estão inseridos no interior da palavra, mas na fala sofrem variação (O bichu era pra tê ganhado, homi... *peødeu!* É *puøque* demora demai, boy./ Eu gostei tanto daquele *oøtro!*). Tais variantes também foram encontradas em maior escala, como se pode ver na representação do gráfico 3, nos homens e menor nas mulheres.



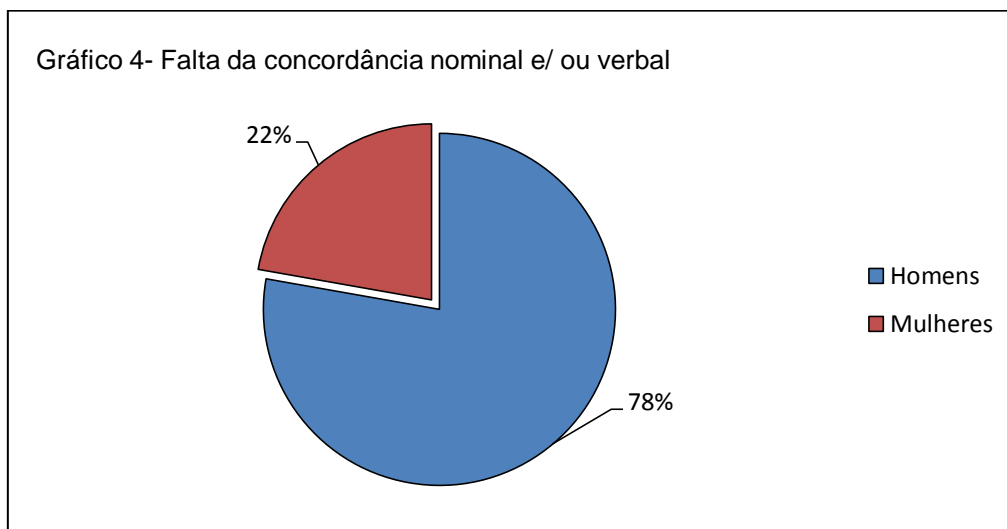
Ao grupo masculino também coube a maior parcela do uso das variantes do nível morfológico. O gráfico seguinte revela que nesta equipe a falta da concordância nominal e verbal encontra-se em maior número nos garotos comparadas ao do gênero/ sexo oposto, como se pode notar também nas falas abaixo.

Masculinas:

- Foi *trei*, *trei jogadô*, *trei*!
- Ei, *tu viu* o jogo do Real madri e Bcelona?
- É mermo, vô falá pra *nós jogá*.
- *Tu tem* que soltá *vinde reai* visse... Ei, *vinde reai*.

Femininas:

— *Tu visse* aquela menina que tem trinta e um anos, que ela é linda, que cantô o “an (...)” semana passada.



Conforme visto nas comparações entre os adolescentes, percebe-se que em um único contexto social pode existir diversas maneiras de dizer o que se quer comunicar e, que por ser a língua sistemática, todo o conjunto de variações também segue esse sistema influenciado por grupos de fatores que contribuem para o favorecimento ou não favorecimento de uma ou de mais formas. A pesquisa realizada compreende que as formas de maior prestígio foram utilizadas em maior número pelo gênero feminino, enquanto as formas estigmatizadas foram mais usadas pelo masculino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo estudo contribui para que clarezas de ideias e descobertas venham existir na busca do pesquisador. Neste trabalho o que esteve em pausa foi a comunicação linguística com base no fenômeno da variação.

Apontou-se que a variação linguística ocorre porque grupos de fatores influenciam no processo comunicativo através da fala. Estes, por sua vez, não corrompem o significado de língua como um sistema, pelo contrário, assim como as formas prestigiadas seguem a um conjunto de regras impostas por fatores internos, as estigmatizadas são controladas por fatores externos à língua.

Desse modo, fica claro que por sermos sociedade, não fazemos uso apenas de uma forma linguística absoluta. Convivemos com variações de todos os tipos e na linguagem não é diferente.

Em vista disto, a presente pesquisa revelou diversas formas de “falar a mesma coisa” ou variantes na fala dos estudantes/ adolescentes investigados e concluiu que as formas de menor aceitação à padrão, examinada no grupo de estudantes do Ensino Médio, são utilizadas com mais frequência pelo gênero/ sexo masculino comparadas com o gênero/ sexo feminino, ambos pertencentes ao mesmo contexto social.

REFERÊNCIAS

BARROS, Adriana Sales. *Sociolinguística -Licenciatura em letras – Português./ Adriana Sales Barros./ Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação a Distância. - Campina Grande: EDUEPB, 2013.*

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos.* São Paulo: Parábola, 2008.

MOLLICA, Cecília Mollica; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.* 4. Ed. São Paulo: Contexto, 2013.

SAUSSURE, Ferdinand de. [1916] *Curso de linguística geral.* 24 ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

ANEXOS

TRANSCRIÇÃO DE TRECHOS DAS CONVERSAS MASCULINAS

- Vamu falá de quê?
 - De tudo, boy (forma do inglês). Tá ligado não? (outras vozes e canto de pássaros por trás) é puque assim o tim... os time... é...de (voz baixa) joga bem. Visse o gol que o bichu fei contra o baça não, doido? De falta?
 - Gol do cráca, homi! (sons de pássaros)
 - Rapai são muito disinrolado, num são?
 - (muitas vozes) Uooooó!
 - O bichu era pá tê ganhado, homi, pediu.
 - Áh, ia ganhá do Bcelona! (voz por trás: Ei, sabe...), (risos)
-

- Ei, doido, tu já visse o novo, o novo transforme (sons de pássaros) o filme?
- (mais de uma voz) Assisti não.
- tem mais?
- Tem o trei... o um, o doi e o trei (sons de pássaros e outras vozes)
- Não. Assisti olaine.

NESTE MOMENTO COMEÇAM A FALAR TODOS AO MESMO TEMPO

- Eu vô nada!
 - E aquele filme? Ei, boy (forma do inglês), quando a gente assistiu na casa desse homi (todos falam)
 - Ei, doido, é inativi (vozes) inatividade paranormal (vozes)
 - Do negoço, doido, carai...
 - É puque demora demai, não boy (forma do inglês)?
 - A descá (risos)
 - Tem o dois já.
 - Ele pensa que é o monstro que cagô.
 - Tem o dois!
 - Tem o dois?
 - É puque aquilo ali é um filme de terrô pô. Aí eles fizeru uma comédia com aquilo. É Atividade Paranormal. Eles botaru Inatividade Paranormal.
 - E é mai aquele negão que fai o filme de... O Pequenino.
 - É só a cabeça dele pô... é pô!
 - Dí aí: O bichu tá durmino debaxo da cama, piquinim, aí sai com uma nêga e vota pá cama dele. (risos). É, a nêga ingravida do caba... do caba sem sabê... (risos).
 - Ei, ei, ei e na hora dos ursinho, an, an, an.
-

- É puque sei lá, porra.
- Gabriel brincô, apesá que é do Atlético (sons de pássaros) se deu mal, hein!
- Eu nem vi esse jogo, homi.
- Tá, brincô puque os caba tava marcano em cima.
- Deu aula.
- Purque ele é bom, purque ele é bom.
- Aonde? Aonde?

- Cinco, cinco.
 - Cinco aonde? Cinco aonde?
 - Foi quanto?
 - Foi trei, trei jogadô, trei.
 - Ele deu um.
 - Cinco menos doi?
 - Áh é... (todos falam ao mesmo tempo)
 - Ei, tu viu o jogo do Real Madri e Bachelona?
 - Pelé é melhó que Cristiano Ronaldo.
 - Quem é quato manga de ouro? Uma, dua, trei. Nem é uma, nem é dua, nem é trei. É quato.
 - E o jogo Real Madri contra o Bachelona? Tamo aí, vai? E o jogo do Real Madri contra o Bachelona?
 - Vai passá.
 - Passá aonde? Já passô, doido, já passô (batidas ao fundo)
 - Vai passá no futebol fo... futebol fó é igual islaide.
 - Já passô, doido.
 - Dia vinte e oito.
 - É mermo, vô falá pra nós jogá.
-

- Eu pago quinze conto agora.
- Pá você... tomá um sovete “mainália”.
- Hein, hein eu comprei o fone pu quinze conto e vendi a ele pu trinta (batidas)
- Pá tomá de sovete com a boyzinha, né?
- Ei, amanhã viu (outras vozes) ei, amanhã.
- Vamu chupá picolé, vamu?
- Amanhã o quê?
- Dei reai.
- Áh, eu num devo a ninguém não. (risos)
- Ele deu vinte a tu, num foi?
- Já deu, dei.
- Tu tem que soltá vinte reai visse. Ei, vinte reai.
- Vamu chupá um picolé.
- Vai chupá um sovete, boy.
- Vinte reai.
- Mais um... Mais um... hein, vinte conto o quê?
- Falta vinte reai.
- Áh, se assim sim, seu viado.
- Você deu dei, só.
- Nunca mais, nunca mais ele vai vê esse dinheiro.
- Nunca mais? Eu vô lá na fêra procura tu, doido.
- Vai sabê de que hora pá lá. Depoi das uma.
- Não, você quem comprô, você que leve lá.

TRANSCRIÇÃO DE TRECHOS DAS CONVERSAS FEMININAS

OBSERVAÇÃO: Nesta conversação há falas de um garoto que gravou com o grupo feminino. As colocações dele serão precedidas pelas letras VM (Voz Masculina).

- Menina, ele canta demais!
- Menina, eu achei tão lindo ele sambando!
- Perfeito!
- Né isso!
- Eu só num gostei porque eliminaram Di Laurent (outras vozes).
- Foi. Di Laurent cantou tão bem! Eu gostei tanto daquele outro!

VM: — Mai eu tô achando que o The Voice (forma do inglês) tá tão fraco esse ano.

- É.
- Eu acho que não.
- Eu também achei.
- Tu visse aquela menina que tem trinta e um anos que ela é linda que cantô o an... semana passada...

VM: — Tô ligado!

- Que Claudinha Leite levô um carão porque escolheu ela?
- Sim, porque ela já tinha completado o time dela, né?

VM: — Mais eu acho que no próximo programa quem vai melhora é Dina Love, porque canta demais!

- Lulu Santos vai chorá (vozes)
- Igual a menina que cantô ópera.
- Chorá?
- Sim, porque ele acha muito bonito.

VM: — Agora aquele menino deficiente visual (outras vozes ao fundo) pra mim ele foi o melhor da noite.

- Eu não sabia que ele era deficiente. (risos)
- Eu ficava assim: Esse homi tá olhando assim porquê? (risos)
- tá vendo!
- Má é leza, visse!
- É deficiente visual má canta, tá entendendo?
- Tá, num tem nada a vê! (muitas vozes)
- É tipo assim... ele tá conquistando... (risos)
- O negócio é no olho né na boca não! (todos falam e riem)
- Eu sei! (risos)

VM: — Agora escuta! Eu acho que vai ser difícil quando fôr... se colocarem alguma música em inglês. Eu acho que ele vai ter mais dificuldade... pra pegar a música.

- É, é, é...

VM: — Mais eu acho que eles num vão botar não, porque vocês tão vendo que eles tão colocando u... é... no acorde é... da do tipo de música que cada um canta (sons de pássaros) aí eles tão combinando.

- Maria Ísis.
- Ele canta que ritmo?

— Maria Ísis.

VM: — Acho que é um MPB.

— Mai ele tá conquistando o seu valor cada vez mais. Se ele ganha eu acho que... não, vai fica passado, cara! Porque ele canta demais!

VM: — Eu acho que num ganha não porque tem gente cum voz mais potente.

— Mas se ele ganhá também a gente já pode vê purotro lado, né?

— Um certo preconceito.

— Não, mas eles escolhe pela voz, né pela aparência não.

— (risos) Mas... (risos)

— Mas a gente sabe que isso sempre influencia.

— É, quem nunca sabe?

— É (sons de pássaros)

— Condo...

— Qui tu tem, hein? (risos)

— Do mesmo jeito quando San Alves ganhô, todo mundo tava falando que ele só ganhô pur causa da história dele.

— Qual é o maior sonho de vocês?

— Passá.

— Rapai se eu fô contá os meu (risos).

— O meu maió...

— (é pronunciado o nome da autora da fala anterior)

— Ei, (fala o nome de uma das participantes), se eu fô contá os meu, só sai... (risos).

VM: — Ficá rico! (muitas vozes)

— O meu maió sonho é realizá o sonho da minha mãe, entrá na faculdade. O sonho da minha mãe é queu seja alguém na vida.

— Áh, isso é o teu sonho também, né (é pronunciado o nome da autora da fala anterior)? (vozes)

— É, eu também quero, mas o sonho não é nem tanto pra mim, é mais pra minha mãe. Eu quero realizá o que meu irmão não realizou pra ela.

— Assim... se isso era o sonho da tua mãe, qual era teu sonho? (vozes)

— O meu sonho praticamente é tê um imprego digno e trabalhá e tê meu próprio dinheiro, sê independente. Então o que minha mãe qué é queu trabalhe, mái queu entre na faculdade e mostre pra ela queu consegui, né só puque eu estudei em escola pública ou puque... eu sou praticamente sou quase ninguém na sociedade queu num posso consegui, basta eu batalhá.